

---

## AFROQUEER + PLURAL: PRÁTICA CRIATIVA DA DIVERSIDADE

---

Wilton Garcia<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda o Projeto expositivo de intervenção estética *Afroqueer + Plural* (2021) como prática criativa da diversidade no ensino superior. Trata-se de uma ilustração gráfica desenvolvida, em grande escala, nas paredes de duas Instituições de Ensino Superior – IES, em São Paulo. O objetivo aponta para um debate crítico-reflexivo a respeito de temas emergentes: gênero, etnia-raça e classe. A base teórico-conceitual deste trabalho são os *estudos contemporâneos*, cuja metodologia qualitativa relaciona tal escopo, no formato ensaio, ao destacar categorias discursivas – criatividade, flexibilidade e versatilidade. Como resultado, este propósito de resiliência e visibilidade (re)equaciona algumas estratégias visuais interessadas em promover uma proposta formativa de arte e cultura.

**Palavras-chave:** Diversidade. Produção de Conhecimento. Educação Contemporânea.

Interpretar a contemporaneidade e encontrar respostas modernas para questões presentes e futuras requer profunda qualificação. E consegui explicá-las exige grande comprometimento.

Quintarelli (2019, p. 131)

### Introdução

A sociedade contemporânea pode obter excelente desenvolvimento se (re)considerar sua cultura, ainda mais, quando se trata de observar a diversidade na educação. Em defesa da educação como processo efetivo de transformação social, a articulação estratégica do cotidiano avança, conforme se investe no processo de ensino-aprendizagem com inovações e atualizações da cultura, sobretudo na cultura brasileira.

No Brasil, propostas formativas que tangenciam temáticas de gênero, etnia-raça e classe solicitam empenho profissional na educação, bem como as Instituições de Ensino Superior – IES. A educação formal, no país, carece de abertura para esse tipo de temática se (re)inscrever, de maneira mais livre. Afinal, o propósito de resiliência e visibilidade da diversidade na educação abrange o estado democrático de direito.

A epígrafe deste artigo faz um convite à reflexão. Segundo o referido autor, evitar valores tradicionais, conservadores, reivindica políticas inovadoras na educação, capazes de elencar a

---

<sup>1</sup> Fatec Itaquaquecetuba. Doutor em Comunicação pela USP. E-mail: 88wgarcia@gmail.com

diversidade, de fato. O *diversus* ocasiona a experiência para além do óbvio, vislumbrando infinitas variantes enunciativas, de acordo com a realidade apresentada. Então, é fundamental pensar grande.

A pandemia do Corona Vírus (COVID-19) distanciou as pessoas para reduzir o contato social e o risco de contaminação da doença. Esse dilema alarmou a necessidade de mudanças didático-pedagógicas na educação, com o uso de atualizações tecnológicas (de salas de aulas virtuais), fomentando novas atividades de extensão universitária para desempenhar desafios acadêmicos. Isso levantou, de forma inesperada, um problema de adaptação da cultura educacional na atualidade, com algumas variantes econômicas, identitárias, socioculturais e políticas. Para driblar essas variantes, práticas criativas tentam sanar as exigências e as dificuldades tanto do corpo discente quanto do corpo docente.

Nesse contexto, o Projeto expositivo de intervenção estética *Afroqueer + Plural* (2021) aposta nessa atividade de extensão universitária como proposta formativa que entrecruza arte e cultura. Realizado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo [ECA-USP] e na Faculdade de Tecnologia [Fatec] Itaquaquecetuba do Centro Paula Souza [CPS], o Projeto propõe uma síntese iconográfica da diversidade contemporânea quando estende a ideia de gênero, raça e classe, para além do lugar comum.

A expectativa seria ampliar o olhar e perceber as coisas no mundo. Na medida em que se oferece esta intervenção estética, em cada IES, o presente texto explora essa prática criativa sobre a diversidade, para que atividade de extensão universitária possa trabalhar a redução de danos de qualquer sujeito vulnerável. Contudo, tal debate (re)examina categorizações transversais (gênero, sexualidade, etnia-raça, classe, geografia, entre outros), as quais (re)inscrevem, de maneira plástica e intersubjetiva, o sujeito no mundo contemporâneo.

A base teórico-conceitual deste texto são os *estudos contemporâneos* (GUMBRECHT, 2015, QUINTARELLI, 2019), cuja metodologia qualitativa relaciona tal escopo, no formato ensaio (CANCLINI, 2016), destacando categorias discursivas como criatividade, flexibilidade e versatilidade na educação atual. No formato ensaio, a eleição desses valores e suas ações derivativas configuram-se ao longo dessa proposição investigativa em um tecido discursivo no propósito de resiliência e visibilidade da diversidade.

Isso inclui uma leitura crítico-reflexiva que permeia a experiência contemporânea como *desobediência epistemológica* (MIGNOLO, 2008), a qual aproxima autores de diferentes escolas de pensamento (CANCLINI, 2016; GUMBRECHT, 2015, QUINTARELLI, 2019; MORIN, 2007, 2020). Tal desobediência descreve as distorções e o desencadeamento político e epistêmico com a dissolução da realidade em uma perspectiva descolonial, a qual evidencia a identidade na política (MIGNOLO, 2008) – longe de denotar estratificações essencialistas, materialistas e/ou fundamentalistas.

## 1 Projeto

O Projeto expositivo de intervenção estética *Afroqueer + Plural* (2021) foi realizado na ECA-USP, no dia 24 de junho, e na Fatec Itaquaquecetuba, no dia 30 de agosto. Entre cores e formas, é uma ilustração gráfica desenvolvida nas paredes de ambas IES, em grande escala. Por certo, trata-se de uma atividade de extensão universitária<sup>2</sup> exposta com a parceria colaborativa entre as referidas IES, ao propor uma ação diferenciada do cotidiano estudantil. Tamaña colaboração pede um posicionamento multicultural do sujeito (CANCLINI, 2016).

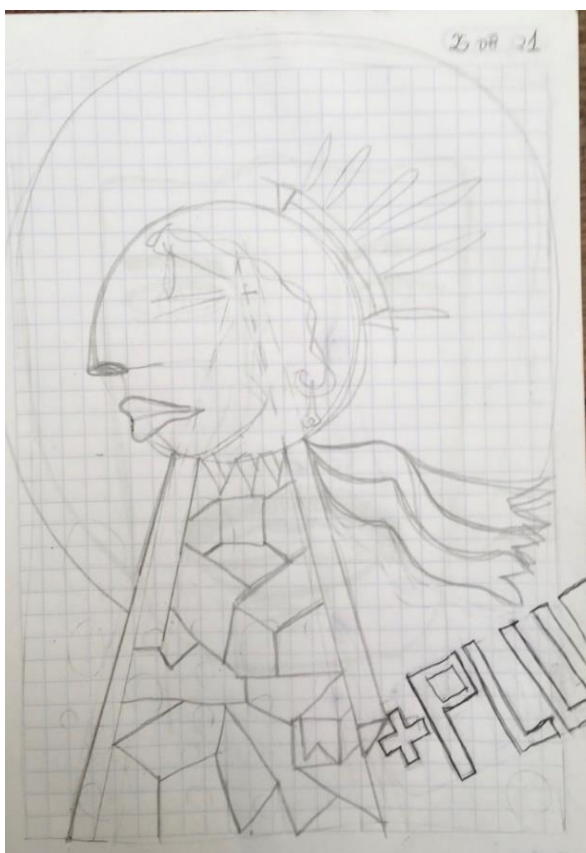


Figura 1 – Esboço espacial  
Fonte: Desenho em lápis grafite (2021)

Nesse processo criativo, produzir tal imagem multicultural gera um debate crítico-reflexivo acerca da diversidade como tema emergente, no Brasil, ao provocar a comunidade universitária na expansão idiossincrática de argumentos visuais elegidos. Eis a projeção de um sujeito multidimensional (em gênero, etnia-raça e classe) no propósito de resiliência e visibilidade, cujos valores estratificam a ideia antropofágica da sociedade brasileira.

---

<sup>2</sup> No complemento desta proposta formativa, pretende-se realizar um *workshop criativo*, no Instagram @fatecitaquacriativa, para interessado/as, ao oferecer ações poéticas e socioculturais (do *saber-fazer* e vice-versa). Em tempos de pandemia, uma proposta no formato híbrido ocupa o espaço físico e virtual tanto da ECA-USP quanto da Fatec Itaquaquecetuba-CPS. Isso abre para o público participar (QUINTARELLI, 2019).



Figura 2 – *Afroqueer + Plural*  
Fonte: Projeto de desenho e pintura, (2021)

Desse modo, *Afroqueer + Plural* relaciona desenho e pintura desenvolvidos, direto na parede, em uma montagem irregular de cores e formas eleitas no momento efetivo da obra. São experimentações poéticas que abordam a diversidade, bem como a sustentabilidade com o (re)suo de materiais descartáveis. O enfoque seria, por conseguinte, observar texturas e ondulações espaciais dos materiais reciclados (com sobras de tintas), a compor resultantes criativas, impactando o contexto expositivo das IES.

Sem dúvida, o grupo de estudantes e docentes envolvidos nesse Projeto estabelece vínculos colaborativos com trocas de informações, cujas oportunidades fomentam o processo de ensino-aprendizagem (MORIN, 2007). Quando se aponta para criatividade, flexibilidade e versatilidade, tal Projeto (re)equaciona algumas estratégias imagéticas (visuais) interessadas em promover arte e cultura na educação superior. Ou seja, a referida atividade de extensão universitária pontua a atualidade da agenda brasileira, ainda mais, sobre a temática diversidade em evidência.

## 2 Experimentações

Experimentar faz parte de aventura e risco propiciados pela arte. Do ponto de vista técnico, *Afroqueer + Plural* é uma intervenção gráfica na parede, em grande escala, ao apresentar o tema diversidade, atrelado à sustentabilidade e ao consumo, com a reutilização de materiais: papel, pincel, tinta, tecido, papelão. Entre estética, técnica e ética, seria examinar práticas criativas capazes de serem valorizadas no fazer educacional contemporâneo, cujo desfecho eleva o pensamento crítico-reflexivo alargando a noção de diversidade.

No (re)aproveitamento de materiais descartáveis, interessa (re)examinar o uso e a função das coisas no mundo, com experimentações poéticas que avançam as materialidades e os conceitos. O reaproveitamento de insumos (*inputs*) são elementos (matéria-prima, equipamentos, capital, horas de trabalho etc.) primordiais para produzir uma imagem que ultrapassa o capital: seja marca, mercadoria ou serviço. São bens (re)utilizados na produção de outros bens, acenando para algo mais cultural e educativo. O que indaga a vida é arte.



Figura 3 – *Afroqueer* [cor, 230x270]  
Fonte: ECA-USP, em 24 de junho de 2021

Ao gerar ambientes criativos de arte e cultura, o papel da educação experimenta a realidade, (de)marcada de confrontos paradoxais e de contradições entre verdade e existência para ativar a produção de conhecimento (MORIN, 2020). Conhecer requer aproximar, experimentar além de, consequentemente, avaliar, examinar e eleger tal aproximação como vantagem competitiva. É estar ciente de determinado contexto e/ou situação, em que se reconhece a experiência criativa. Isso estende a reflexão sobre diversidade.

Dessa maneira, o processo criativo agencia/negocia experimentações artísticas, poéticas e estéticas da diversidade, preocupado com o gesto inclusivo de qualquer proposta formativa.

Experimentar é a palavra de ordem para estimular ações impactantes, as quais (re)dimensionam as novidades para criar propriedades inusitadas (GUMBRECHT, 2015). Por isso, essas experimentações (re)equacionam o processo criativo, colocando em xeque alguns enfrentamentos a respeito do *diversus*. Este último mostra pluralidades que se multiplicam em cores, formas e texturas, a expressar alternativas para além do lugar comum.

A ideia de experimentações, nesse caso, seria apostar em tal atividade de extensão universitária como instrumento de transformação social, individual e resgate de autoestima, para simbolizar as impressões da sociedade acerca da diversidade. Ao aproximar o eixo contemporâneo (além de consumo, meio ambiente e sustentabilidade), questões de etnia-raça e LGBTTQIPA+<sup>3</sup> transversalizam o mercado-mídia.



Figura 4 – +Plural [cor, 410x470]

Fonte: Fatec Itaquaquetuba, em 30 de agosto de 2021

Diferentes ações formativas na educação aumentam a representação e a linguagem, a (re)ajustar pontos crítico-reflexivos, conforme as conduções de qualquer proposição de trabalho criativo (CANCLINI, 2016; MORIN, 2020). Se o interesse seria abastecer os/as estudantes de experiências ricas de valores na formação superior, vale discutir alternativas capazes de almejar outras/novas diretrizes da sociedade atual.

---

<sup>3</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Queers, Intersexs, Pansexuais, Assexuados e afins.

### 3 Discussão

O esboço deste trabalho visual ilumina dois caminhos: 1) na parte superior do desenho, as linhas contêm movimentos circulares fluídos; 2) na parte inferior, as retas determinantes prevalecem. Do ponto de vista geométrico, valem os (des)encontros de ângulos abertos e fechados no fluxo de instabilidades que se coadunam. Na lateral, há um lenço esvoaçante com as cores do arco-íris. As escolhas entre círculos, retas e cores traduzem a diversidade em experimentações poéticas apresentando a simbiótica personagem e sua persona.

A (re)dimensão de gênero neste trabalho visual ocupa o campo de possibilidades, (de)marcado, de modo simultâneo, ao campo de impossibilidades – entre cores e formas. Gênero aqui encontra-se transversalizado por estados intermediários que pautam a diversidade para além do óbvio. Nessa produção de subjetividade, a sensibilidade recorrente do sujeito torna-se fator impactante para agenciar/negociar o trânsito dos gêneros, no plural, para além de uma condição materialista – entre macho/fêmea ou masculino/feminino – que pouco acrescenta à sociedade contemporânea.

Como referência paradoxal, as drag queens australianas Conchita Wurst e Gingzilla são ícones controversos com o uso da barba (chuchu), bem como a drag queen Ohana brasileira não-binária. Além disso, a referencial ancestral está no coca/penacho indígena, colocado no alto da cabeça. O que predomina de povos ancestrais, tendo o registro intenso da boca carnuda vermelha e os olhos bem grandes. Traços corporais enfatizam a etnia-raça afrodescendente. O formato coração da boca mostra a docilidade sedutora, englobada por um globo que globaliza a vida. Também, a descrição visual do triunfo com o ramo verde na cabeça, perto da orelha de brinco dourado. Uma conquista de pose material a ser ressaltada em fragmentos estratégicos.

Todavia, a visibilidade como ação afirmativa daquilo que não se institui pertença com possíveis traços identitários, no contrário de qualquer alegorização simbólica/emblemática, altera a rota de um sistema. O que se considera gênero nesse esforço são matizes que assimilam variantes alternativas, como alteridade, diferença e diversidade: uma potência *queerness* (re)desenhada por estranhamentos e esquisitices (SANTOS, 2014). De fato, a representação das minorias sexuais é essa condição adaptativa de se reinventar, explorando as artimanhas do que escapa ao convencional.

Em uma síntese sensível/inteligível, essa proposta formativa seria algo que traga uma mensagem ressignificada, na expressão de certo registro visual do ato criativo, em que nada passa despercebido. Agora, o espaço é notado e incomoda porque provoca reflexão.

A parceria ECA-USP e Fatec Itaquaquetuba-CPS pode render excelentes frutos, ao propor novos/outros desafios educacionais para ambas as comunidades acadêmicas, quando se trata de práticas criativas hoje. Esse posicionamento torna-se fundamental ao desempenho de pensar

criticamente a diversidade na formação superior. Com parâmetros empíricos, nota-se que, nessa proposta formativa radical da diversidade na educação, arte e cultura são campos eficazes a favor da democracia na ampliação dessa iniciativa que convoca um outro olhar acerca da sociedade.

Por certo, tal atividade de extensão universitária como produção de conhecimento pede uma posição, para além do valor estético e técnico, pressupondo o pensar e o agir, entre o saber e o fazer (e vice-versa) dos chamados sistemas produtivos, na produção de informação. Este Projeto oferece algo a se descortinar com o saber e o fazer (MORIN, 2003, 2020). E o espaço das instalações públicas de ensino (superior ou não) merece ser ocupados pelo conhecimento, com o efeito da arte influenciando a cultura e a educação que, desse entorno, modifica o comportamento do artista, do professor, do pesquisador, do comunicador e, especialmente, do estudante e do cidadão.

Uma atividade de extensão universitária facilita a comunicação entre universidade e sociedade (CALDERÓN, 2021), cujo agenciar/negociar com o público garante diálogo com o/a Outro/a. Com a responsabilidade social, esse tipo de atividade é um convite inclusivo, pois (re)adequa a participação mais direta e efetiva da sociedade, fazendo surgir novas demandas. Tal dinâmica educativa questiona competências e habilidades exigidas para a empregabilidade no mundo do trabalho, ao promover a produção de conhecimento e fortalecendo a qualidade de ensino, pesquisa e extensão. Para Morin (2020), o conhecimento revela a própria realidade problemática.

Nas observações da curadoria, uma imagem ancestral e, ao mesmo tempo, contemporânea (re)vela o respeito à diversidade, a luta contra a LGBTTQIPA+fobia, o racismo, o classicismo, entre outros. A diversidade, então, extrapola o senso comum para alavancar o debate crítico-reflexivo, deslocando o pensamento confortável (estável) na expectativa de (re)configurar nossa visão de mundo. Cada vez mais, é possível assistir as malhas do *diversus* propiciando novidades da lógica inclusiva, para além de várias versões que amparam as possibilidades enunciativas. Entre o afeto e o efeito, a insubordinação de alternativas (MIGNOLO, 2008) luta contra o sistema hegemônico (o *mainstream*) como forma de resistência, garantindo “novos/outros” valores da diversidade. Isso porque, é apavorante a desigualdade social no Brasil e no mundo.

### Considerações finais

Se antes, a atividade criativa descrita neste ensaio era proposta na parede da sala de aula, agora o potencial flexível e versátil transfere para o lado externo das IES, (des)dobrando o saber e o fazer (e vice-versa), já apontados neste texto. O presente ensaio conclama estratégias para estimular a participação de estudantes em práticas criativas oferecidas por uma formação contemporânea que (re)inscreva a diversidade. Essa formação deve estar em consonância com a sociedade, na qual a



experiência humana – de criatividade, flexibilidade e versatilidade – subverte a lógica hegemônica para transgredir o comum, indo além.

Mais que a composição da diversidade no Brasil, as práticas criativas na educação superior suspendem o convencional para trazer um sistema sensível/inteligível de evidências pontuais, ao propiciar a expressão viva de desafios contemporâneos. A educação superior, no país, precisa restaurar os aclamados paradigmas conservadores (ultrapassados), alterando o modo de lidar com adversidades, ao promover o encontro da criatividade com a diversidade. Assim, alarga-se a discussão a respeito da educação superior e os direitos humanos, no que tange a diversidade com as categorizações transversais de gênero, etnia-raça e classe.

Logo, não basta fomentar o jovem de informação, seria proeminente incentivar seu protagonismo que incorpora tal presença manifesta pela atualização de processos criativos. Impactar a juventude não é tarefa fácil, mas quando se trata de cultivar seu protagonismo – a partir de referências e valores – o filtro colaborativo passa a se valer de preferências, escolhas e decisões. Qualquer expectativa da diversidade na educação contém força, porque impulsiona olhar o futuro. Por conseguinte, a articulação que relacionar sujeitos, objetos e contextos aproxima e, de modo simultâneo, distancia reflete os entraves da sociedade atual, em que a teoria auxilia o desempenho dessa prática criativa como ação formativa.

No centro a USP, na periferia a Fatec. Em termos comparativos, essa diferença ajuda a leitura sobre a expressão *Afroqueer + Plural* estampada nas paredes de ambas IES como *standard* da diversidade. Tal feito traz visibilidade como ação afirmativa. Estrategicamente, há vários elementos nessa imagem que conclama o debate acerca da diversidade. Na validação desta discussão, tais questões afligem o cotidiano do ser humano e da natureza e precisam ser examinadas e pesquisadas nos ambientes universitários. Ou seja, arte e cultura na educação, como proposta formativa, de ser entrelaçadas em prol da resistência contra preconceito, discriminação, injustiça, desigualdade.

Não basta dizer que é plural, mas alagar o tom para estabelecer as alteridades.

### **Afroqueer + plural: creative practice of diversity**

**Abstract:** This article addresses the *Afroqueer + Plural* Aesthetic Intervention Exhibition Project (2021) as a creative practice of diversity in higher education. It is a graphic illustration developed, on a large scale, on the walls of two Higher Education Institutions, in São Paulo. The objective points to a critical-reflective debate about emerging themes: gender, ethnicity-race and class. The theoretical-conceptual basis of this work is the *contemporary studies*, whose qualitative methodology relates such scope, in the essay format, by highlighting discursive categories – creativity, flexibility and versatility. As a result, this purpose of resilience and visibility (re)equates some visual strategies interested in promoting a formative proposal for art and culture.

**Keywords:** Diversity. Knowledge Production. Contemporary Education.

### **Referências**

CANCLINI, N. G. **O mundo inteiro como lugar estranho**. São Paulo: EdUSP, 2016.

CALDERÓN, A. Responsabilidade social na universidade: criminalização da pobreza e a prisão contemporânea. **Anais do III Seminário internacional de Tecnologia, educação e sociedade**. Itaquaquecetuba: Fatec, 2021. Disponível em: <<https://sidtes.wordpress.com>>. Acessado em: 20 mar. 2021.

GUMBRECHT, H. U. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. São Paulo: Unesp editora, 2015.

MIGNOLO, W.D. Desobediência epistemológica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**. N. 34, 2008, p. 287-324.

MORIN, E. **Conhecimento, ignorância e mistério**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez / Unesco, 2003.

QUINTARELLI, S. **Instruções para um futuro imaterial**. São Paulo: Elefante, 2019.